

unitários de sacrifício para o produtor, tendo a restringir e equilibrar a oferta internacional do café. Não havendo excedentes — e é o que ocorre na presente safra — não deve haver "Série de Consumo Interno" — esta é outra fundamental regra do jogo na partida do café. Sua presença, e é o que tem acentuado a Sociedade Rural Brasileira, numa safra sem sobras, e muito provavelmente até deficitária, é injustificável e representa um ônus insuportável para o produtor e causa de enriquecimento ilícito para o Instituto Brasileiro do Café, pois a este órgão compulsoriamente entrega o produtor café exportável por preço unitário bem baixo do da paridade internacional.

Como se vê, não tem razão, o ilustre economista de café, o sr. Théophile de Andrade, quando afirma estar A RURAL pleiteando a mudança das regras do jogo. O que ela postula precisamente é a fiel execução dessas regras, esquamantizando um razoável programa de defesa dos interesses permanentes da cafeicultura, no qual se elimina, no disciplinamento do escoamento da safra e no esquema de sua compra, uma "Série", a "Série de Consumo Interno", que só pode existir em safras de superprodução".

A manifestação da A RURAL foi favorável ao pensamento expedito pelo dr. Filinto Cavalcanti, tendo ainda se manifestado os srs. drs. Alkinder Monteiro Junqueira e Antonio M. Alves de Lima.

O dr. Alkinder M. Junqueira fez sentir "que o espírito do Regulamento de Embargos era aquele fixado pelo diretor do Departamento do Café, de só existir "Série Excedente" nas safras em que seu volume excedesse à estimativa de exportação. Essa, a principal regra a ser observada pelo Governo. Não existindo na presente safra excedentes, torna-se de fato estranha a presença da "Série de Consumo Interno".

Propôs em seguida que o Departamento do Café, considerando a alta significação das opiniões emitidas pelo sr. Théophile de Andrade, se dirigisse diretamente àquele articulista para esclarecimentos mais detalhados da atitude da A RURAL.

O dr. Antonio Alves de Lima acentuou que o custo do café se agrava diariamente, exigido, como pleiteia a A RURAL, um reajustamento nos preços pagos ao produtor.

café  
em



revistas

carlos antonio moreira

## PROGRAMA DE ESTABILIZAÇÃO DO CAFÉ REQUER ACÓRDO DE 5 ANOS SOBRE QUOTAS COM ORGANIZAÇÃO FINANCEIRA PARA COMPRAR O CAFÉ EXCEDENTE; SERIA NECESSÁRIA A COOPERAÇÃO DOS PAÍSES CONSUMIDORES

MIGUEL ANGEL CORDERA JR.  
Convenio Internacional do Café, Presidente

Há grande diversidade de condições econômicas e sociais nas diversas áreas produtoras do mundo. A energia humana dispendida na produção de uma libra de café-verde nos países produtores de "mild" é diferente da energia empregada no Brasil e ambos diferem do esforço necessário na África. Há países onde as pequenas fazendas produzem a maior parte da safra.

Na Colômbia por exemplo 94% das 213.000 fazendas têm em média apenas 5 acres, mas mesmo assim, são responsáveis por 63% da produção total. A mesma situação se verifica no México e em outras nações Latino-Americanas. Na Ruanda-Urundi o café é cultivado por 600.000 fazendeiros nativos, na costa do Marfim, em Tanganika e na Uganda pequenos fazendeiros, dispostos de apenas 2 acres, constituem 90% dos produtores. Em outros países, fazendas maiores produzem a maior parte da safra exigindo igualmente grandes esforços humanos.

### MILHÕES DEPENDEM DO CAFÉ

Além de milhares de fazendeiros que estão diretamente ligados à produção, existem outros milhares indiretamente dependentes do café como meio de subsistência: os que trabalham no transporte, na administração, os que vendem equipamento e prestam serviços agrícolas, os que negociam com fertilizantes e inseticidas, os construtores e assim por diante.

Os governos dos países produtores de café obtêm grande parte das rendas nacionais através do comércio do café. Os 3 maiores produtores da América Latina, contando com 65% da produção mundial, empregam de 30% a 54% do total da renda proveniente da venda do café, na administração, assistência social e obras públicas. Conseqüentemente, podemos afirmar que os

povos dos países produtores, América Latina e África, com uma população de 223 milhões de habitantes, dependem substancialmente do café.

A queda da renda cafeeira está criando problemas sérios, tanto para os produtores cujo nível de vida é 90% abaixo do Americano e que so recentemente começou a elevar-se, encaram a situação incerta com grande ansiedade.

### PREÇOS JUSTOS

Nos países importadores onde intensa produção industrial deve ser mantida, uma redução de suas exportações é pouco desejável. Na esfera do café somos todos fregueses mútuos. Seria um absurdo se uma firma que pudesse evitar a falência de seu principal freguês, deixasse-o arruinar-se. No campo internacional devemos visar um equilíbrio satisfatório para serem evitadas as bancarrotas das nações. Conseguiremos isso aumentando o comércio e pagando preços justos para os produtos de comércio internacional.

Nos países produtores de café há um enorme mercado em potencial para os produtos de nações industrializadas. Nós, dos países produtores, precisamos fazer o que fizeram os americanos no começo do século neste belo e poderoso país. Quando Henry Ford começou a aplicar suas idéias de criar um mercado para seu modelo T, pagando altos salários e estabelecendo métodos eficientes de produção, foi por todos criticado. Este foi o início de uma época de grande poder aquisitivo neste país, tornando possível a tremenda produção industrial e o alto nível de vida de seu povo.

Para progredir precisamos aplicar esse exemplo num campo mais vasto.

Fazenda Lageadinho, Ourinhos: Café plantado em Janeiro de 1958 e florada de Outubro lindo.

